

## Violência, Cultura e Juventude: múltiplas linguagens nas pesquisas em educação

ÁUREA MARIA GUIMARÃES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

### RESUMO

Este artigo apresenta algumas pesquisas que abordam a temática da juventude, em sua interação com o campo educacional e o mundo contemporâneo, especialmente selecionadas dentre aquelas desenvolvidas pelo grupo VIOLAR: Laboratório de Estudos sobre Violência, Cultura e Juventude, vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Procura-se enfatizar as metodologias da etnografia e da história oral e suas contribuições para o estudo do tema central dessas investigações. Espera-se que as múltiplas linguagens utilizadas nos diferentes estudos aqui apresentados contribuam para alargar os saberes que se tem construído a respeito dos jovens e pelos jovens.

**Palavras-chave:** Juventude; Educação; História Oral; Etnografia.

### Violence, Culture and Youth: multiple languages in education research

### ABSTRACT

This article presents some researches that addresses the theme of youth, in its interaction with the educational field and the contemporary world, especially selected among those developed by the group VIOLAR: Laboratory of Studies on Violence, Culture and Youth, linked to the Post-Graduation Program of UNICAMP's Education Institute. For this text, it seeks to emphasize the methodologies of ethnography and oral history and their contributions to the study of the central theme of these investigations. It is expected that the multiple languages used in the different studies here presented, will contribute to extend the knowledge that has been built about the youngsters and by the youngsters.

**Keywords:** Youth; Education; Oral History; Ethnography.

Em importante artigo, em que apresenta um balanço da pesquisa sobre relações entre violência e escola, Spósito (2001) expõe a produção sobre o tema em dois grupos: o primeiro exprime tentativas de diagnósticos em âmbito local ou mais geral com pesquisas desenvolvidas, basicamente, por organismos públicos da educação e associações de classe; o segundo grupo reúne o conjunto de trabalhos realizados nos estudos da pós-graduação e por algumas equipes ou pesquisadores individuais das universidades brasileiras. É nesse segundo grupo que Spósito (2001) apresenta como trabalhos pioneiros na área as pesquisas desenvolvidas por Áurea M. Guimarães – fundadora do grupo VIOLAR (Laboratório de Estudos sobre Violência, Cultura e Juventude) no ano de 2002.

O grupo foi criado com o foco nas relações entre violência e educação e vem aglutinando profissionais de diferentes campos de atuação (assistência social, psicólogos, professores, educadores sociais, sociólogos...), estudantes de pós-graduação e pesquisadores interessados na temática da violência. Mais recentemente, passou a se dedicar ao estudo da cultura como lugar da produção das diferenças, das relações de poder e dos conflitos sociais presentes na sociedade contemporânea, tendo como foco principal os jovens brasileiros, especialmente os que residem e atuam na região de Campinas (SP).

Vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp e à Linha de Pesquisa “Educação e Ciências Sociais”, o grupo VIOLAR tem desenvolvido projetos de pesquisa, publicado artigos, realizado discussões, palestras, oficinas, teses e dissertações no contexto das várias dimensões da violência vivida pelos jovens e das relações entre juventude e cultura mediadas pelas instituições escolares e não escolares. A seleção aqui apresentada se fez pela aproximação metodológica entre esses trabalhos. Nos últimos anos, as pesquisas realizadas no grupo têm se pautado nas metodologias da História Oral e da Etnografia.

## **HISTÓRIA ORAL E ETNOGRAFIA**

Nos anos de 1918 a 1920, a Escola de Sociologia de Chicago já desenvolvia as chamadas histórias de vida, mas foi em 1948, depois da Segunda Grande Guerra, que surgiram os critérios para diferenciar a história oral das demais formas consagradas de entrevista, preocupando-se mais em aprimorar o registro do

amplo conjunto de expressões verbais e estudar a diversidade das manifestações sonoras humanas. O sucesso da história oral deve-se aos avanços da tecnologia, que possibilitaram o registro de experiências, principalmente de repercussão pública. Meihy e Holanda (2007, p.105) creditam à história oral um caráter político, pois ela valoriza as experiências de grupos minoritários, possibilita compreendê-las segundo vertentes interpretativas diferentes das apresentadas pela “grande história”, divulga essas experiências e estabelece ligações com fatos de interesses coletivos.

Em Usos & abusos da história oral (FERREIRA; AMADO, 1996), pode-se constatar que a história oral não é linear, existindo muitas maneiras de praticá-la, daí não ser tarefa fácil defini-la. Na academia tem sofrido resistências, porém vem ocorrendo uma gradual aceitação do seu uso e diferenças de percurso, em função das disciplinas que dela se apropriam.

Tomadas em conjunto, as narrativas em história oral resultam da conexão entre as experiências individuais de vida e as realidades sociais multifacetadas da sociedade. Para compreender essa interação, pode-se afirmar que a história oral possibilita adotar as múltiplas linguagens que emergem das próprias narrativas e dos vínculos entre colaboradores e pesquisador. Músicas, poesias, fotografias, vídeos, histórias em quadrinhos, desenhos compõem um “jogo de cena” que, à semelhança do filme dirigido por Eduardo Coutinho<sup>1</sup>, dissolve as individualidades constituídas, multiplica mundos, inventa algo para além da estrutura narrativa que molda as pessoas. Segundo Meihy (1994, p. 06), a história oral de vida é realizada através de entrevistas livres, sem questionário nem perguntas diretamente indutivas. As gravações são longas e devem captar o sentido da experiência vivencial do entrevistado. Concede-se ao “colaborador” o papel primordial, porque ele estabelece com o pesquisador uma via de mão dupla.

O método da história oral<sup>2</sup> comporta três fases: a transcrição literal, a tex-

1 Jornalista e cineasta. Considerado um dos maiores documentaristas do cinema brasileiro. Dentre os inúmeros filmes sob a sua direção, consta *Jogo de cena*, lançado em 2007. Das oitenta e três mulheres que atenderam a um anúncio de jornal para contarem suas histórias de vida, Coutinho selecionou 23 delas. Meses depois, várias atrizes interpretaram as histórias contadas por aquelas mulheres. Disponível em: [www.adorocinema.com/files/filme-136409/](http://www.adorocinema.com/files/filme-136409/). Acesso em: 26 jun. 2017. No filme, as mulheres selecionadas falam da própria vida, depois elas se tornam personagens, desafiando as atrizes que, por sua vez, interpretam essas mulheres.

2 Entendida como método, a história oral privilegia as entrevistas, considerando-as como o “epicentro da pesquisa”; por isso os oralistas que valorizam a história oral metodologicamente centram sua atenção na

tualização e a transcrição (MEIHY, 2005, p. 195-203). Primeiramente, os depoimentos são transcritos na íntegra, depois textualizados, ou seja, as perguntas são suprimidas e as entrevistas, rearticuladas. Na transcrição<sup>3</sup>, incorporam-se às narrativas elementos não verbais da entrevista, para recriar a atmosfera desta. Uma vez transcritas, as entrevistas são conferidas e legitimadas pelos colaboradores e retornam às mãos do pesquisador, que deve, então, mantê-las em arquivo acessível à consulta pública. Atingida essa etapa, os trabalhos aqui apresentados realizaram a análise das entrevistas ou, como diria Caldas (1999, p. 110), uma “poética da interpretação”. São explorados outros territórios teóricos, outras interlocuções que oferecem várias possibilidades de entendimento às vidas criadas em narrativas.

A etnografia tem sido muito usada por pesquisadores com o objetivo de contribuir para o avanço das pesquisas que buscam descrever e compreender as relações sociais estabelecidas entre os jovens, entre esses e outros sujeitos sociais, no sentido de se apropriar e recriar instituições e espaços. Para Beaud e Weber (2007, p. 212), “a etnografia afirma, portanto, de fato a primazia da interação sobre os indivíduos e as instituições [...]”. Metodologia presente nos trabalhos investigativos no campo da educação desde os anos de 1980, tem hoje grande potencialidade e importância para a compreensão das mudanças contemporâneas do cotidiano. A observação, além do investimento paciente na construção de relações com os sujeitos que vivem e atuam no contexto investigado, é prática primordial da pesquisa etnográfica e deve estar ligada aos questionamentos e à vontade de encontrar respostas, levando em conta possibilidades e caminhos que não estão no roteiro.

Para os estudos etnográficos, é fundamental registrar sistematicamente o trabalho de observação. Nesse sentido, o diário de campo é extremamente importante. Ainda que a pesquisa esteja permeada de referenciais teóricos que enquadram um modelo de “fazer-se” pesquisa, há sempre novos ângulos para observar.

---

elaboração de um projeto, nos critérios de realização das entrevistas e nos resultados analíticos que demandariam diálogos com outros documentos.

3 Meihy e Holanda (2007, p. 134) utilizam o termo “transcrição” no sentido poético dado por Haroldo de Campos para a realização de suas traduções. Segundo Gattaz (1996, p. 251), Meihy chega mais longe, ao propor a entrada de um novo elemento, o “teatro de linguagem”, termo emprestado de Roland Barthes. Se na transcrição surge a necessidade de adaptar o texto falado ao texto escrito, o teatro de linguagem possibilita incorporar “os elementos não-verbais da entrevista, tão importantes quanto as palavras ditas, mas perdidos na transcrição literal”.

Pais (2003) argumenta que é necessário ir além, observar aquilo que resta observar, além do que é de praxe nas pesquisas, sem abandonar o que é cotidiano – apenas olhá-lo de forma diferente. Segundo Beaud e Weber (2007, p.67), somente “o diário de campo transforma uma experiência ordinária em uma experiência etnográfica, pois não só restitui os fatos marcantes que sua memória corre o risco de isolar e de descontextualizar, mas, especialmente, o desenrolar cronológico objetivo dos eventos”.

Outra ferramenta importante para os estudos de cunho etnográfico e amplamente utilizada nas pesquisas que serão apresentadas neste texto é a entrevista, a qual se compreende como um processo de interação social, em que o entrevistador pretende obter informações com o entrevistado, por meio de um roteiro relacionado ao foco central da pesquisa (HAGUETTE, 1990). São um rico material para a pesquisa. Para Minayo (1994), o objetivo principal da entrevista é a obtenção de informações. A fala individual de um sujeito permite ao pesquisador o contato com as condições estruturais, os valores, as normas e os símbolos de um grupo em que ele está inserido. Ou seja, a entrevista permite compreender os significados – muitas vezes divergentes das suposições do entrevistador – que os entrevistados atribuem às situações e às questões. Recolhendo esses dados descritivos na linguagem dos próprios sujeitos da pesquisa, o entrevistador pode perceber como eles interpretam os aspectos da realidade vivida.

Através das metodologias destacadas, se potencializa a contribuição dos estudos para o debate em torno dos grandes temas que aglutinam os pesquisadores. Em diferentes trabalhos, essas metodologias inspiraram a experimentação de novas técnicas e a criação de relatos contundentes e emocionantes, narrados e problematizados pel@s pesquisador@s violeir@s.

As pesquisas realizadas tomam como referência os estudos realizados pelo Centro de Memória da Unicamp (CMU) e pelo Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO), e alguns dos projetos aqui apresentados combinam etnografia e história oral, utilizando procedimentos teórico-metodológicos diferenciados, no que diz respeito à história oral.

## JUVENTUDE, CULTURA E EDUCAÇÃO: A PRODUÇÃO RECENTE DO GRUPO

Apresenta-se aqui algumas das teses e das dissertações desenvolvidas pelos pesquisadores do grupo, dando ênfase aos aspectos metodológicos dos trabalhos. Com esse objetivo, selecionaram-se pesquisas mais recentes que abrangem quatro grandes temáticas: “Juventudes, violências e direitos humanos”, “Juventudes: cidade, militância, mobilidade, tecnologias”, “Juventudes, escola e interseccionalidades: práticas e discursos sobre raça, gênero e sexualidade” e “Jovens e Educação”. A primeira delas, “Juventudes, violências e direitos humanos”, inclui estudos, pesquisas e avaliações sobre as políticas públicas de promoção dos direitos humanos no enfrentamento das diversas formas de violência e violações de direitos da juventude. Com foco nessa parcela da população mais vulnerável a violências e exclusões, os estudos refletem sobre questões relativas aos direitos humanos e à garantia dos direitos da juventude no Brasil contemporâneo e, ao tratar de situações extremas, expõem a problemática dos direitos e da justiça relativos a essa população excluída.

Dentro desta primeira temática, as pesquisas de Almeida (2011), Alvisi (2015), Carvalho (2017), Conceição (2017), Marzochi (2014), Pereira (2016), Possato (2014) e Torezan (2005) ajudam a compreender a difícil realidade educacional dos que vivem à margem ou em contextos de grande vulnerabilidade social. Esses estudos acompanharam o cotidiano do Centro de Ressocialização, uma escola em um modelo de unidade prisional em uma cidade da Região Metropolitana de Campinas (SP). Um trabalho etnográfico analisou a configuração curricular da escola, confrontando-a com as construções naturalizadas de conhecimento e saberes válidos que produzem efeitos de Verdade nas práticas curriculares encarceradas. Outra investigação, com base em entrevistas gravadas e analisadas a partir do referencial teórico-metodológico da História Oral de Vida, buscou conhecer o lugar que a noção de direitos humanos e de justiça tem na história de vida de professores que trabalham na rede estadual de ensino, na cidade de Campinas-SP e intentou compreender os saberes e as culturas que mobilizam o professor a introduzir – ou não – os princípios da Justiça Restaurativa em sua prática pedagógica. Outro estudo etnográfico teve como objetivo conhecer aspec-

tos da comunidade atendida por uma escola pública de ensino médio na cidade de Campinas/SP e dos sujeitos que a constituíam e observar a inserção e a atuação do Professor Mediador Escolar e Comunitário (PMEC) nessa instituição.

Os processos que envolvem jovens em situação de liberdade assistida, em conflito com a lei, abrigados, ou processos de exclusão escolar foram o foco de trabalhos que, fundamentados na história oral de vida, buscaram dialogar tanto com professores e arte educadores da Fundação Casa, responsáveis por ministrar aulas para jovens em privação de liberdade, quanto com jovens que cumpriam medida socioeducativa de internação em uma das unidades da Fundação. Temas como família, preconceito, trabalho, raça, processos de resistência perpassaram as narrativas, evidenciando o quanto as experiências de vida e o contexto social afetavam as relações com a escola, as trajetórias pessoais e profissionais. A negação do direito à educação para essa população, visível na ausência de políticas públicas comprometidas com a garantia da escola de qualidade socialmente referenciada, é desnudada nas pesquisas aqui apresentadas.

As pesquisas do segundo bloco: “Juventudes: cidade, militância, mobilidade, tecnologias”, cujo objetivo é compreender os desafios que a participação juvenil encontra na atualidade, provocam a reflexão sobre as diferentes formas de mobilização juvenil: discutem-se as maneiras como – envolvidas pelos impactos dos meios tecnológicos de comunicação e de visibilidade – as diversas culturas juvenis têm se apropriado dos espaços urbanos; como as novas perspectivas de militância têm transformado as ideias tradicionais de participação, questionado a criminalização das juventudes, apresentado novas possibilidades de resistência, de sensibilidades, de movimentação político-cultural nas cidades. Este bloco é representado pelos trabalhos de Cordovio (2013), Feliciano (2015), Ferreira (2005), Penna (2011) e Zan (2010). Algumas dessas pesquisas expuseram múltiplos sentidos nos processos educativos vividos por jovens alunos e professores como músicos instrumentistas vinculados a uma escola de música na periferia de Campinas; como praticantes de skate em São José dos Campos/SP; como integrantes da nova e da velha escola de hip hop em Campinas/SP ou ainda como dançarinos de um projeto social em Uberlândia/MG.

Esses quatro estudos aqui elencados possibilitaram a experimentação de diferentes metodologias e técnicas investigativas: as entrevistas, recurso tradicional no campo da pesquisa em educação, se ampliaram e se potencializaram, fazendo uso de outros instrumentos, como imagens e arquivo sonoro. As imagens – fotográficas e fílmicas – produzidas a partir do material de pesquisa coletado – foram, em alguns momentos, elementos importantes para despertar e aguçar a narrativa dos sujeitos.

A articulação entre ciência, arte, política e sensibilidade acompanha o trabalho investigativo do grupo ao longo desses anos, em especial nas pesquisas de Guimarães (2011), Pastre (2014) e Raggi (2010), que, voltadas para uma abordagem estética e micropolítica, expõem alguns traços a partir dos quais se pode pensar a educação como criação de novas possibilidades de vida. O campo dessas pesquisas situou-se no cruzamento entre várias fontes e materiais de diferentes ordens: documentos oficiais, experiências históricas de práticas educacionais, análises estéticas (teoria da arte), experiências próprias e de outros educadores, pesquisas de abordagens diversas no campo educacional, trechos de filmes. Entrevistas, registros e aproximações com jovens de distintas “tribos juvenis”, em uma escola pública da cidade de Americana/SP, permitiram constatar a importância das múltiplas práticas culturais juvenis nos processos de identificação durante a juventude, e nas diferentes maneiras pelas quais os jovens criam e recriam seus grupos de pertencimento e amizade e incorporam características e práticas atreladas a tais identificações. As histórias contadas sobre militância juvenil por jovens campineiros vinculados a diferentes grupos ou instituições, no campo da religião, da política, da educação e da arte, evidenciaram que a singularidade das vidas narradas estava conectada à problematização feita por esses jovens no interior de certas práticas, histórica e culturalmente constituídas, possibilitando a criação de novos modos de subjetivação em que se modificava sua própria experiência na relação com os seus heróis ou modelos e valores de referência. Tais trabalhos sugerem atenção aos modos de vida atualmente produzidos, os quais inauguram uma nova perspectiva para problematizar as múltiplas práticas que constituem e são constituídas nos universos culturais juvenis contemporâneos.

No terceiro bloco, com o tema “Juventudes, escola e interseccionalidades: práticas e discursos sobre raça, gênero e sexualidade”, as pesquisas de Campos



(2013), Corsino (2016), Ferreira (2016), Marinho (2017), Pinheiro (2006) e Silva (2012) – que anunciam e discutem as diversas formas de resistência das juventudes frente à realidade brasileira, desigual e violenta – buscam dar visibilidade aos trabalhos que denunciam as opressões sofridas pelas juventudes que vivenciam o espaço escolar e não escolar, com ênfase nas interseccionalidades de raça, gênero e sexualidade.

Diante de quadro marcadamente desigual, as pesquisas aqui desenvolvidas buscam compreender a violência contra a mulher; a exploração sexual infantojuvenil; as situações de vulnerabilidade da população homossexual, dos travestis, dos transexuais e de profissionais do sexo; as relações entre juventude, raça e gênero dentro e fora do espaço escolar. Os estudos etnográficos realizados em escolas públicas de Campinas/SP revelaram que os jovens pesquisados convivem com manifestações de violência contra a mulher no seu dia a dia e na escola, onde se expressam, em especial, pelo assédio e por ações discriminatórias muitas vezes entendidas como naturais. Em outro campo investigativo, uma instituição educacional não escolar, também em Campinas, vinculada ao Projeto de Enfrentamento à Exploração Sexual e Comercial de Crianças e Adolescentes (EESCCA), desenvolvido pelo Centro de Educação e Assessoria Popular (CEDAP), buscou-se analisar as práticas e as ações educativas e os sentidos atribuídos pelos profissionais e pelos jovens do Projeto à situação de exploração sexual comercial.

Em uma perspectiva próxima a esses trabalhos, estudou-se a relação entre a memória da violência no processo de socialização de crianças e adolescentes e o exercício da prostituição como modo de vida. O ponto de partida dessas reflexões foram as narrativas de mulheres cujas condições de ingresso precoce na prostituição (antes dos 18 anos) marcaram várias modalidades de violência física, simbólica e sexual. As narrativas de transexuais vinculados a um programa municipal de atendimento numa cidade do interior do estado de São Paulo possibilitaram explorar os processos de subjetivação e os assujeitamentos que davam sentidos às suas trajetórias de vida, marcadas pela singularidade de suas experiências, pelas práticas que reiteram ou resistem às normas. Junto ao tema de gênero e diversidade sexual, a temática racial tem adentrado no grupo, pois as histórias colhidas apontaram para relações desiguais e oportunidades educacionais distintas referentes à raça e ao gênero. Outro projeto, desenvolvido no Arquivo de Rio Claro, foi

fonte inspiradora para ouvir jovens negros e gays sobre seus sentimentos diante das piadas presentes no seu cotidiano, nos programas televisivos de humor e nos apelidos recebidos. A transcrição dos seus relatos foi transformada em um texto teatral pontilhado por falas e piadas racistas. O rico material coletado pretende contribuir com a superação da naturalidade com que essas questões são abordadas no interior das escolas ou em outros universos do mundo social.

No quarto bloco, “Jovens e Educação”, em que se destacam Ferreira (2010), Fontoura (2013), Rodrigues (2014), Silva (2013), Victória (2015) e Zan (2005), as pesquisas tratam da temática da juventude na sua interface com a educação, especialmente no contexto das políticas educacionais mais recentes – juventude e escola; juventude e os processos de inclusão/exclusão escolar; juventude, sociabilidade e escolarização; juventude e cultura escolar; juventude e Ensino Médio; juventude e projetos de vida; subjetividade e identidade juvenil.

O tema da diversidade cultural ganha destaque no cotidiano escolar a partir dos documentos curriculares do final dos anos de 1990. No contexto desse debate, explicitam-se as desigualdades e os conflitos no interior da instituição pública. Ao acompanhar o cotidiano das escolas marcadas pela condição de vulnerabilidade de sua população e pelo descaso do poder público, as pesquisas do grupo objetivam conhecer a realidade dessas instituições e seu papel na constituição de relações entre os jovens e desses com os saberes. O trabalho etnográfico, acompanhado por fotografias produzidas pelos estudantes, discussões gravadas em áudio e vídeo, explicitou que, além de haver limitações no uso dos espaços das escolas, os alunos têm questionado as posturas autoritárias de funcionários e de professores e a baixa qualidade do ensino. A história oral também ajudou a reconstruir parte da história de projetos artísticos desenvolvidos em uma escola estadual em Santa Bárbara d’Oeste/SP. Entrevistas com professores e estudantes, articuladas às suas experiências pessoais, possibilitaram observar como os alunos, ao se sentirem valorizados, começaram a ampliar suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento dos projetos artísticos evidenciou também o processo restaurador da escola: a redução da depredação do prédio escolar, a melhoria do rendimento escolar e a maior participação da comunidade na escola. Outro trabalho etnográfico analisou os sentidos que os jovens de uma comunidade ribeirinha do interior do estado do Amazonas atribuíam às suas vivências na comunidade e na escola. Essas vozes do

cotidiano também se fizeram ouvir por meio de narrativas transcritas: poemas, músicas e imagens fotográficas conversaram com a fala dos jovens e atribuíram sentidos às suas crenças, valores, sonhos e aspirações. Descobriu-se uma comunidade plena de inúmeras facetas, além de um jovem ribeirinho que, também inserido no mundo globalizado, enfrenta vários desafios. A história oral igualmente foi utilizada para analisar como professores, alunos, ex-alunos e funcionários, moradores da favela do Real Parque, localizada no bairro do Morumbi em São Paulo, elaboravam, em meio às desigualdades sociais e educacionais, distintos modos de se relacionar e significar a escola pública frequentada por eles. A pesquisa revelou que esses sentidos são múltiplos e não se apresentam como um dado a priori, mas vão sendo construídos na relação que as pessoas estabelecem com a instituição escolar e com as desigualdades que perpassam suas histórias de vida. Apropriando-se das metodologias do grupo focal e da história oral de vida, em outro estudo, as narrativas do cotidiano dos adolescentes que frequentavam um Centro Comunitário na região periférica do Campo Grande em Campinas/SP, transformaram-se, pelo recurso da transcrição, em crônicas, poesias e história em quadrinhos. Os relatos dos adolescentes revelaram que a escolha de um gênero musical, o funk, o uso da violência como enfrentamento das relações de poder na escola e no ambiente familiar e a obediência às regras do Centro Comunitário constituíam-se em táticas para não aceitar o que lhes era imposto. Tais trabalhos preconizam a mudança do olhar direcionado aos adolescentes e jovens em situação de exclusão social e sugerem aos educadores que repensem as práticas de educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os blocos temáticos acima delineados buscaram debater os sentidos que a produção acadêmica e os meios de comunicação têm atribuído à juventude e às suas diferentes formas de expressão na sociedade contemporânea. Pesquisadores voltados ao estudo da juventude (ABRAMO, 1997; ABRAMOVAY; CASTRO, 2015; AQUINO, 2009; DAYRELL, 2007; SOUZA; PAIVA, 2012, entre outros), observam que a ênfase nessa temática, difundida principalmente por trabalhos alinhados à sociologia funcionalista e também pela mídia, centra-se numa concepção de juventude pensada segundo a ótica do “problema social”, isto é, como indivíduos que se desviam do caminho da integração social devido a anomalias próprias des-

sa fase da vida, ou mesmo do sistema social que falha, ao descuidar do jovem no momento em que ele se prepara para se tornar um adulto integrado e funcional à sociedade. Para outros, ser jovem é sinônimo de ousadia, de coragem, de idealismo; portanto, é o jovem que torna possível a transformação das sociedades, para o pânico dos que temem os “desajustes sociais” que esse ímpeto revolucionário possa causar. Os estudiosos mostram que essa visão do jovem como revolucionário ou perigoso, ou ainda como vítima dos problemas do sistema social, apaga a concepção de juventude como categoria social heterogênea, permeada por contradições, por “diferentes faces” que a constituem. O objetivo dessas pesquisas, portanto, é colocar em debate o modo como essas diferenças têm se apresentado na sociedade brasileira e conhecer as diferentes formas de constituir e viver a juventude no Brasil de hoje. Para tanto, estudos pautados pelas metodologias da História Oral e Etnografia contribuem de forma potente para avançar nesse sentido.

O grupo VIOLAR agora se integra ao Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES) do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp e segue na busca pelos sentidos das experiências juvenis na articulação com a cultura e a educação.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação – ANPED*, São Paulo. **Juventude e contemporaneidade**. n.5, maio/jun./jul./ago., p. 25-36 e n. 6, set./out./nov./dez. 1997.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos Adenauer**, Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer. Juventudes no Brasil. n.1, jul., p. 13-25. 2015.

ALMEIDA, Tatiana Lima de. **Hupomnêmata**: registro de histórias de vida de adolescentes em acolhimento institucional como escrita de si. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2011.

ALVISI, Cátia. **Cartografia de um currículo encarcerado**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2015.

AQUINO, Luceni Maria C. de. A juventude como foco das políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abraão de; AQUINO, Luceni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 25-39.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história:** para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. **Tá rindo de quem? O negro e o gay como motivos de piadas.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2013.

CARVALHO, Daniel Elias de. **A arte como resistência:** história oral de vida de arte educadores da Fundação Casa. Texto de Qualificação de Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2017.

CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti da. **Histórias de vida que se unem:** a professora, o professor e o [elo com o] jovem infrator. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2017.

CORDOVIO, Fernando. **Música, Educação e Sociedade:** uma história de jovens instrumentistas em Campinas (SP). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2013.

CORSINO, Luciano. **Cotidiano escolar e juventude negra:** uma abordagem etnográfica em escola de ensino médio. Texto de Qualificação de Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2016.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, O. et al. (Org.). **Juventude e contemporaneidade.** Brasília: UNESCO; MEC; ANPED, 2007. p. 155-176.

FELICIANO, Luiz Antônio. **Juventude skatista e seus movimentos:** etnografia de uma pista de skate. Texto de Qualificação de Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Paula. **Violência contra a mulher:** atravessamentos pela juventude e escola. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2016.

FERREIRA, Simeire Cristina. **Possíveis relações entre escola e arte:** um estudo de caso da Escola Estadual Irene de Assis Saes. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2010.

FERREIRA, Tânia. **Hip hop e Educação:** mesma linguagem, múltiplas falas. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2005.

FONTOURA, Fabriscio. **Juventude e escola:** um estudo a partir da visão dos estudantes. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2013.

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da resistência:** uma história oral da imigração espanhola. São Paulo: Xamã, 1996.

GUIMARÃES, Áurea M. **Vidas de jovens militantes**. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2011.

HAGUETTE, Teresa. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MARINHO, Alexandre Ceconello. **Histórias trans-criadas: cuidado de si e sofrimento ético-político nas formas de (re)existir**. Texto de Qualificação de Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2017.

MARZOCHI, Andréa Souza. **História de vida dos jovens da Fundação Casa: o lugar da escola nessas vidas**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória. **Cadernos CERU**, São Paulo, n. 5, série 2, p. 52-60, 1994.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PASTRE, José Luiz. **Educação e estética da existência: práticas da liberdade e criação de novas possibilidades de vida**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2014.

PENNA, Juliana Pereira. **Nas veredas de um corpo poético: dança e transcrição de vidas**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2011.

PEREIRA, Ana Carolina Reis. **História oral de vida de professores: direitos humanos e justiça**. Texto de Qualificação de Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2016.

PINHEIRO, Veralúcia. **Socialização, violência e prostituição**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2006.

POSSATO, Beatris Cristina. **O “professor mediador escolar e comunitário”**: uma mirada a partir do cotidiano escolar. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2014.

RAGGI, Nathália. **Identidades nômades: as “tribos urbanas” e o contexto escolar**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2010.

RODRIGUES, Susy Cristina. **História oral: adolescentes, resistências, subjetividades, periferias e violências**. Texto de Qualificação de Tese (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2014.

SILVA, Karina Santos da. **Tecendo sentidos sobre uma escola pública na favela Real Parque:** narrativas, experiências e resistências. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2013.

SILVA, Mônica Alves. **Educação não-formal, sexualidade e violência:** possibilidades de enfrentamento da exploração infanto-juvenil. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2012.

SOUZA, Candida de; PAIVA, Ilama Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 17, n. 3, p. 353-360, set./dez. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300002>. Acesso em: 29 mar. 2016.

SPÓSITO, Marília. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

TOREZAN, Sônia Aparecida Bortolotto. **Ser jovem em meio à violência:** identidade X singularidade no confronto com a lei. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2005.

VICTÓRIA, Claudio Gomes da. **Comunidade, escola e juventude:** navegando pela história oral de vida de jovens de uma comunidade ribeirinha no Amazonas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2015.

ZAN, Dirce. **Currículo em tempos plurais:** uma experiência no ensino médio. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. Fotografia, currículo e cotidiano escolar. **Pro-Posições**, Campinas. Dossiê “Ensino de Filosofia e Cidadania”, v. 21, n. 1 (61), p. 149-161, jan./abr. 2010.

## Áurea Maria Guimarães

Professora aposentada colaboradora do Departamento de Ensino e Práticas Culturais (FE/Unicamp).

E-mail: [guima@unicamp.br](mailto:guima@unicamp.br)

## Dirce Djanira Pacheco e Zan

Professora do Departamento de Ensino e Práticas Culturais (FE/Unicamp).

E-mail: [dircezan@unicamp.br](mailto:dircezan@unicamp.br)

